



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

LAÇOS PARTIDOS: VIOLÊNCIA E SEPARAÇÃO CONJUGAL

Tânia Rocha Andrade Cunha
(UESB)

RESUMO

Pretende-se com esta comunicação apresentar o estudo sobre a violência conjugal entre casais das camadas altas e baixas da sociedade, focalizando as principais causas dessa violência e os aspectos que mais dificultam às mulheres o rompimento dos laços com os seus agressores. Assim, com base em entrevistas realizadas com mulheres desses segmentos, serão estabelecidas comparações que permitam situar a problemática da separação e verificar até que ponto existem diferenças entre as causas alegadas por mulheres das camadas altas e das camadas baixas.

INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é refletir sobre a violência conjugal entre casais das camadas altas e baixas da sociedade, focalizando as principais causas dessa violência e os aspectos que mais dificultam às mulheres o rompimento dos laços com os seus agressores.

Assim, com base em entrevistas realizadas com mulheres desses segmentos, serão estabelecidas comparações que permitam situar a problemática da separação e verificar até que ponto existem diferenças entre as causas alegadas por mulheres das camadas altas e das camadas baixas.

A relação conjugal é o vínculo mais forte da instituição familiar burguesa, mais importante que os laços estabelecidos entre irmãos, e ela é definida por relações de parentesco bilateral, em que cada um dos cônjuges pertence a duas famílias distintas, de origem e de procriação. O papel do pai normalmente está vinculado ao papel de pai biológico, e a garantia dessa paternidade é exercida através do controle da sexualidade feminina. A ideologia da família conjugal, para Good (1969, p.27):

É radical, destruidora das tradições mais antigas em quase todas as sociedades. Ela proclama o direito de o indivíduo escolher seu próprio cônjuge, o lugar onde morar e, mesmo, quais as obrigações de famílias que queiram admitir contra a aceitação das decisões de outrem.

O casamento baseado no modelo patriarcal é estabelecido através de contrato no qual são especificados os direitos e deveres de homens e mulheres. Ao homem, chefe de família cabe sustentar, proteger, decidir, organizar a sua vida, a vida da família e dos outros, à mulher, preparada para ser dependente e protegida dos perigos que o mundo apresenta, cabe o papel de cuidar da casa e do marido, além de ficar, sob sua responsabilidade, o cuidado com os filhos aos quais ela se entrega por inteiro.

Até a primeira metade do século XIX, a família se caracterizava pelo modelo extenso composta pelo pai, pela mãe, pelos filhos e por todos os parentes e agregados que compunham a unidade doméstica. Entretanto, o desenvolvimento da sociedade capitalista, caracterizado pela urbanização e pela industrialização provocou sérias modificações na sociedade, entre elas a redefinição das relações de classe e, de modo especial, na família, que foi privatizada e transformada em família conjugal, fundada em relações baseadas em estreitos laços de parentesco.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Nesse momento, a família passou a ser configurada por uma hierarquia de gênero e por uma divisão sexual do trabalho.

A regulamentação da família, feita através do casamento, tinha como função a preservação da propriedade privada, a coabitação e a manutenção da posição dos grupos familiares. Na cultura brasileira, os estereótipos de papéis sexuais foram rigidamente definidos: para a mulher se estabeleceu uma postura receptiva, de submissão e a sua realização na esfera do privado, enquanto que, do homem, espera-se sua realização no âmbito público, uma postura de coragem e frieza diante da vida.

Na metade do século XIX, surge uma nova modalidade de casamento – o casamento burguês. Segundo Porchat (1992), do ponto de vista histórico e sociológico, esse casamento, que se originou em nosso meio nos meados do século XIX, identificou-se com a família nuclear urbana, colocando assim, um ponto final na organização da família patriarcal nas classes dominantes.

O casamento burguês já não tem como finalidade básica a manutenção da propriedade, dos bens e interesses políticos como era o casamento na família patriarcal. A principal meta do casamento burguês é a satisfação dos impulsos afetivos e sexuais, a felicidade que deve estar baseada em interesses e gostos iguais. “É um casamento que tem como valores predominantes a escolha do parceiro por amor, a glorificação do amor materno, a visão da mulher como a “rainha do lar”. (Porchat, 1992, p. 108)

As relações de desigualdade entre os cônjuges não são alteradas no casamento burguês, a mulher que agora poderia se casar por amor e que já dava seus primeiros passos no mercado de trabalho, no final do século XIX, ainda se mantinha dependente e submissa em relação ao marido.

Continua sua a função de servir ao marido e aos filhos. A educação dos filhos e o bem-estar da família constituem o sentido de sua vida.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Esse modelo de casamento, que não tem um padrão homogêneo, começou a sofrer modificações a partir da década de 1960, com a emergência do movimento feminista, a revolução sexual e a contracultura. Muitos autores afirmam que, por várias razões, o casamento burguês está em crise, é o caso de Jurandir Freire Costa (1989, p.11) que diz: “O lar moderno deixou de cumprir suas antigas funções. Em vez de propiciar carinho e proteção, estaria fomentando a guerra entre sexos e gerações”.

Conforme Taube (1992), muito embora o casamento tenha sofrido muitas modificações desde a sua instituição, muitos dos ideais, enquanto um sistema de valores, vêm se mantendo bem como os rituais que o acompanham, permitindo que homens e mulheres continuem a sonhar com imagens idealizadas de noivo e noiva, de marido e mulher e de pai e de mãe, amparados numa “família” que representa a célula-mater, na qual os indivíduos desenvolvem um sentimento de pertencimento às comunidades, ao mesmo tempo em que se sentem protegidos pela instituição família.

No casamento moderno se aceita a transitoriedade, casa-se, mas, se não der certo, a melhor saída é a separação. Para muitos casais a paciência e a aceitação das frustrações têm curta duração, enquanto que para muitos outros, insiste-se em manter o casamento com a esperança de recuperação dos laços que os uniram.

Esse modelo de família moderna e individualista, fruto da sociedade marcada pelo desenvolvimento industrial, teve suas bases estruturadas a partir de uma hierarquia e de uma divisão sexual do trabalho, que demarcava nitidamente os espaços dos gêneros na esfera produtiva e impedia que a liberdade e igualdade de direitos fossem exercidas nas mesmas condições pelos dois sexos. “Cada pessoa assume e deveria assumir uma posição que ela e ninguém mais pode preencher. Uma posição que deve ser procurada até ser encontrada” (Simmel apud Vaistman, 1994, p.34)



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

O desenvolvimento da individualidade está estreitamente relacionado com o da sociedade moderna, onde certos valores e a pressão social sobre os homens já não são tão eficazes. As pessoas se tornam livres para fazer suas próprias escolhas. O casamento passa a ser revestido de uma noção romântica de individualidade e de amor modernos, elementos de inclinação pessoal.

Esse direito de escolha do indivíduo, ao mesmo tempo em que significa um avanço da sociedade moderna, traz consigo uma grande contradição, que na opinião de Vaitsman, (1994, p.34):

Embora o objetivo do amor moderno seja a reciprocidade e a complementaridade entre dois indivíduos, a individualidade de cada um ergue barreiras entre os dois, fazendo do outro algo de inatingível que é determinado pela individualidade. Ou seja, a contradição mesma do amor e do casamento modernos advém do próprio desenvolvimento e da singularidade da individualidade.

Apesar das mudanças que se constatarem no casamento enquanto valor, estudos recentes demonstram que persistem as expectativas de afeto e proteção, mesmo em relações fora do modelo hegemônico, entre homens e homens, mulheres e mulheres, (homossexualismo) que se caracterizam por relações conjugais.

No momento em que são redefinidos a divisão social do trabalho e o individualismo, e que homens e mulheres passam a se ver como iguais, as condições para o estabelecimento do conflito entre os sexos, estão criadas, podendo ainda, implicar no crescimento do número de casamentos desfeitos. A expansão da individualidade foi fundamental no processo de construção da identidade de homens e mulheres, isso implicou no fato de cada sexo ter suas próprias aspirações e atuou contra a estabilidade do casamento e da família (Vaitsman,1994).

Este tipo de família e casamento entrou em crise justamente porque os elementos que lhe davam sustentação foram frontalmente atingidos pela divisão



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

sexual do trabalho e pela separação entre as esferas pública e privada dirigidas aos sexos. A mulher hoje, disputa com os homens, espaços que antes eram atribuídos apenas ao sexo masculino. Ela conquistou direitos de cidadã e marca o seu espaço de indivíduo que tem identidade própria.

Ao desempenhar múltiplos papéis na esfera pública e ainda ter que exercer as atividades domésticas, as mulheres não têm mais suas aspirações voltadas prioritariamente para o casamento e para a procriação. A descoberta da existência de direitos tornou-se a grande razão da mobilização de mulheres para a vida pública, é nesse espaço que elas começam a interferir nos seus próprios destinos. A partir destas descobertas e conquistas femininas,

o individualismo patriarcal foi abalado e a igualdade entre homens e mulheres colocou-se como possibilidade social. Com isto, explodiu o conflito entre o individual e o coletivo no casamento e na família” (Vaistman, 1994, p.36)

A transformação que a família sofreu com a perda das suas antigas funções no espaço doméstico, representa uma das grandes preocupações apontadas na maioria dos estudos clássicos sobre a problemática da família, entretanto, a partir do surgimento do movimento feminista, novos problemas vêm sendo apontados, notadamente, aqueles ligados à divisão sexual do trabalho que sempre privilegiou a dominação masculina.

O espaço doméstico é reconhecido como o espaço feminino. Essa cultura de confinamento da mulher no espaço privado, adotada em todo o mundo ocidental durante séculos, só muito recentemente começou a ser questionada pelas mulheres, uma vez que estas se descobriram alijadas da esfera pública, na qual as atividades políticas, artísticas, educacionais, culturais, científicas, etc, consideradas privilegiadas, acontecem.

Por outro lado, querer modificar a divisão sexual do trabalho no espaço doméstico, influenciado pelo “igualitarismo individualista do espaço público” pode muitas vezes aparecer como uma forte ameaça da dissolução da instituição familiar. A competição entre marido e mulher no mercado de trabalho, cria para cada um deles, um conflito entre o tempo dispensado às tarefas exercidas na esfera do lar e o tempo dedicado ao trabalho remunerado e ao lazer. Essa competição pode se transformar numa grande luta no âmbito doméstico, levando um dos cônjuges a assumir a maior parte das tarefas domésticas.

O processo que culminou no fortalecimento e no aprofundamento do individualismo na sociedade atual, possibilitou que muitas mulheres passassem a construir sua identidade não apenas no âmbito da esfera privada, como também estimula uma desregulação nas relações íntimas, no casamento e na família.

Tendo como referencial essas modificações que aconteceram nas relações entre os sexos na esfera conjugal, o nosso objetivo foi conhecer e analisar do ponto de vista das mulheres, as razões que provocaram o rompimento dos laços conjugais de alguns casais. Para isso, entrevistamos mulheres de camadas altas e baixas, que viveram situações conflituosas com seus parceiros até o momento que perceberam não ser mais possível manterem aquela relação.

Inicialmente, para fundamentar a nossa análise, perguntamos às mulheres qual a opinião que elas tinham do casamento antes de se casarem. Eis algumas respostas:

Eu sempre fui uma sonhadora, imaginava um monte de rosas a nível de amor. Eu via o casamento como uma realização de amor. (Marta, 49 anos, empresária)

O casamento pra mim era os filmes de Hollywood (...). E o que eram os filmes de Hollywood, histórias com um final feliz. (Gilda, 59 anos, empresária)

Eu imaginava que o casamento era assim, eu teria um parceiro para tudo, é como se eu tivesse uma pessoa do meu lado que fosse aquele que eu pudesse contar sempre,

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

pra tudo, para as minhas angústias, para as minhas necessidades materiais, para os afazeres domésticos, para tudo. (Leila, 39anos, pecuarista)

Quando me casei era muito jovem, tinha 21 anos e já trabalhava fora. Tinha a cabeça um pouquinho aberta, mas eu achava que a gente ia casar, ia batalhar, e ia viver a vida toda juntos, íamos dividir as tarefas. Pra mim significava tudo, nós estávamos apaixonados, eu achava que a gente ia ter uma vida maravilhosa. (Marina, 44anos, costureira)

Eu aprendi com minha mãe que o casamento era uma coisa que toda mulher teria que fazer. Ficar moça na casa do pai, depois casar, cuidar dos filhos e do marido, como ela fez né! Pra mim o casamento era um sonho, era tudo maravilhoso, abraços, beijos, tudo bem. Eu imaginava assim: o pai, a mãe e dois filhos, como a gente via nas revistas, nos livros, e de fato eu só tive um casal, era este o meu sonho (...) (Norma, 41anos, empregada doméstica)

Nestes depoimentos, podemos identificar várias representações que estão relacionadas ao casamento: era um sonho; era um mar de rosas; era tudo; era a realização; era para a vida toda; era como nos filmes de Hollywood, tinha final feliz; era responsabilidade; era dividir todos os momentos de alegria e tristeza com o parceiro.

Essas representações demonstram que estas mulheres não foram orientadas para viver o casamento do mundo real, e sim o casamento do mundo dos contos de fadas, das fantasias românticas que nunca se realizaram. Entretanto, essas fantasias são funcionais ao modelo de família e aos diferentes papéis de homens e mulheres, amplamente divulgados e valorizados na sociedade de classes.

O depoimento de Norma resume o pensamento da maioria das mulheres com as quais conversamos. O casamento, como a realização de um sonho que elas tanto almejavam, era representado pelo modelo da família nuclear, que a ideologia burguesa tratava de difundir através das suas instituições. Ela tentou seguir o modelo encontrado nos livros, revistas etc: casou, teve dois filhos, mas, seu sonho



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

logo, logo se transformou em pesadelo, ela viveu no seu casamento o contrário de tudo aquilo que havia aprendido.

Pelas falas das próprias mulheres, podemos observar que, tanto as pertencentes às camadas privilegiadas, como aquelas das camadas de menor poder aquisitivo, tinham, na época em que se casaram, uma visão semelhante acerca do casamento. Todas elas imaginavam encontrar no casamento o começo de uma nova vida e de realização do sonho de formar uma família e viver uma vida de amor e cumplicidade. O casamento, no imaginário dessas mulheres, representava um sonho, um filme com final feliz.

Nos depoimentos da maioria das mulheres, está claro que o casamento representava uma meta, um sonho que todas pensavam um dia realizar. E os primeiros anos do casamento foram concebidos como o início da concretização de tal meta com o nascimento dos filhos. Para Massi (1992, p.115) “o casamento aparece mais como campo ideal para a realização da maternidade e da família do que como realização homem-mulher, do amoroso, da sexualidade. Ao contrário, parece ser o espaço, por excelência, da maternidade e da família”.

Ainda sobre o casamento, solicitamos às mulheres, que emitissem suas opiniões a respeito; após a experiência, elas deram os seguintes depoimentos:

Algo frustrante, ‘uma merda’, não tinha contato com o mundo lá fora. (...) Comecei a ver que a realidade era outra. A realização de amor [imaginada], era péssima, nunca tive qualquer afago, o menor carinho fora da cama. Nunca recebi qualquer elogio. Sendo sincera, nunca recebi um beijo no rosto fora da relação sexual, aliás, na relação sexual os beijos eram muito poucos. (...). (Marta, 49anos, empresária)

(...) O que mais me desencantou no casamento foi a falta de companheirismo, eu imaginava que o casamento era assim, eu teria um parceiro para tudo, sabe! (...) Então, logo de início eu percebi que não era isso. (Leila, 39anos, pecuarista)



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Para mim o casamento foi uma maravilha no início, depois é que começaram os problemas, por causa da bebida, ele era uma pessoa que tinha tendência ao alcoolismo. (Ana, 55anos, empresária)

Você percebe que o casamento não é aquilo que você imaginava, não é aquele mar de rosas, aquele florido que você fez. (...) A impressão é que a mulher casou sozinha, ele continua com a mesma liberdade, com a mesma vidinha de solteiro,(...) enquanto a mulher, tem que ser submissa, só fazer o que ele deixar, aquilo que mulher casada pode fazer, como se tivesse um rótulo. (Marina, 44anos, costureira)

De acordo com os relatos acima, a maioria das mulheres ouvidas, manifestou decepção, tristeza, frustração e até arrependimento por terem se casado. Independentemente da classe, nível de escolaridade ou renda, os problemas alegados por estas mulheres são da mesma ordem, variando apenas a intensidade e a forma em que se deram os acontecimentos em torno do seu casamento.

Pelos depoimentos, é fácil perceber a decepção sofrida pelas mulheres após a experiência do matrimônio. Quase todas elas manifestaram opiniões diferentes das que tinham quando solteiras. O sonho do casamento, com final feliz, uma representação que encontrava eco “nos filmes de Holywood”, com final feliz, aos poucos foi se desfazendo, e dando lugar a um verdadeiro pesadelo, a uma realidade marcada pelo desrespeito, pela desconfiança e pela desigualdade, pelos conflitos conjugais e pela violência.

Na cabeça dessas mulheres, gradualmente, o cotidiano em preto e branco foi substituindo as imagens coloridas e românticas que idealizavam para o casamento. Para a maioria delas, logo após o casamento, a realidade começou a interferir de forma muito dura na fantasia que habitava a mente dessas mulheres antes do matrimônio. Quanto maior se tornava o envolvimento com o parceiro no cotidiano doméstico, mais evidentes se tornavam as diferenças entre o casal.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Investigar a causa ou as causas dos conflitos conjugais representou um dos aspectos mais importantes para se compreender o que motivou os casais de diferentes camadas sociais a desfazerem o vínculo conjugal.

Para melhor compreendermos a violência que se pratica contra mulheres no âmbito das relações conjugais, é importante frisar aqui, que consideramos violência as mais variadas formas de pressão psicológica, indiferença, desrespeito, coação, insultos, empurrões, espancamentos, ferimentos, estupro, ameaças de morte e tentativas de assassinatos. Ao falarem sobre as causas da separação, as mulheres rememoraram os fatos e contaram suas experiências:

Foi o desgaste que foi ocorrendo durante todos os anos que estivemos juntos e mais o problema do alcoolismo (Leila, 39anos, pecuarista)

Até o dia do casamento eu não sabia na verdade quem era o meu marido. A descoberta foi terrível e violenta. Ele não mostrou a verdadeira face, era um psico-maníaco-depressivo, (...) já na lua de mel descobri a verdadeira face do meu marido, muito ciumento, já na lua de mel ele passou a ser grosseiro comigo. (Gilda, 59anos, empresária)

O aparecimento de outra mulher. Quando ele arranhou essa mulher ele me mandou arranjar outro marido que ele arranhou outra mulher, mas eu lhe falei: "Não vou querer outro marido nunca mais, e vou criar os meus filhos pra você ver". (...) Ele mesmo me falou, ele comprou as alianças, experimentou em meu dedo. (...) Ele arrumou a moça para casar. Arrumou as coisas e saiu. (Joana, 62 anos, gari)

Ah! foi a bebida e o fato dele me bater muito, não suportava mais. Eu falava sempre com ele que eu ia embora, mas ele não acreditava. Mas, um dia, ele me bateu muito, tanto que eu pensei que fosse me matar. Aí o vizinho falou pra eu vir embora, que ele ia acabar me matando, foi ele que me arranhou o dinheiro da passagem. (Norma, 41 anos, empregada doméstica)

As mulheres alegaram vários motivos que contribuíram para o rompimento dos laços conjugais. Um dos mais alegados foi o alcoolismo, que, em muitos casos, atuou como um agente impulsionador de determinadas atitudes, como a violência física. O caso de Norma é bastante ilustrativo dessa situação. No início do casamento seu marido bebia apenas em finais de semana, mas, com o passar do tempo, isso se tornou uma prática cotidiana.

Norma viveu bem durante o primeiro ano do casamento, época em que ele ainda não bebia diariamente, depois desse tempo as coisas começaram a mudar. Sempre que ele estava em casa, pois era um pescador e passava muito tempo fora, saía com amigos e mulheres para se divertir.

Voltava para casa, na maioria das vezes, bêbado, motivo suficiente para começar uma briga com xingamentos, humilhações, resultando em violência física. Em várias ocasiões, ela apanhou, foi ferida com uma faca e até ameaçada de morte. Mesmo assim, a sua relação durou dez anos, até que se decidiu a ir embora com os filhos para continuar viva.

A infidelidade dos maridos está também entre os principais motivos alegados pelas mulheres. É importante ressaltar que esse é um fenômeno que perpassa todas as classes, culturas e níveis de escolaridade. O adultério masculino tem suas bases de apoio nas representações e nos valores morais e preconceituosos que convivem há séculos entre os homens e que, mesmo na atualidade, ainda são considerados verdadeiros, apesar da luta empreendida pelo movimento feminista a favor de uma maior autonomia da mulher na sociedade.

De acordo com Dirani, (1987, p.78),

Ligada à herança, escravidão, poder, filhos legítimos, a permissão da infidelidade masculina tem longo passado, possível de explicar a assertiva que ainda satisfaz a muitas mulheres: um homem é um homem, e por isso pode trair.

Entre as experiências relatadas, a de Joana pode ser considerada um exemplo da subordinação a que o homem pode submeter uma mulher. Mesmo estando grávida, ele a deixou e foi viver com outra mulher e ainda foi capaz de sugerir que ela também arranjasse outro homem.

Nesse momento, a vida desta mulher, mãe de oito filhos, que nunca estudou e apenas cuidava da casa, se desmoronou. Ela apenas chorou, chorou muito, pois nada mais poderia fazer.

Casos como os de Joana são comuns e experimentados por inúmeras mulheres todos os dias. Muitas fingem que não sabem, algumas ignoram, outras são enganadas e ainda têm aquelas que perdoam como foi o caso de Joana, que, mesmo tendo sido abandonada por causa de outra, revela com certo orgulho, que depois de algum tempo recebeu o marido de volta, cuidou dele que estava doente e ainda o enterrou.

Além dos motivos citados, outros também contribuíram para o desgaste das relações conjugais nos casos estudados. Entre eles, encontramos o ciúme, a droga, a agressividade e o desamor. Algumas mulheres se queixaram do ciúme doentio dos maridos. É o caso de Gilda que, já na lua-de-mel, passou pelo constrangimento de ver seu marido fazendo 'cenas' de ciúme no restaurante do hotel. Ilustrativo ainda é o caso de Marta, que fala do desamor, da indiferença. E isso ela só veio a descobrir após a separação, quando se viu interessada por coisas que não estavam ligadas ao ex-marido, quando percebeu que podia manifestar suas idéias e opiniões, sem ter a preocupação de estar ou não agradando as pessoas em volta, quando pôde, finalmente, ler os livros e ouvir as músicas de que gostava e quando se descobriu olhando para outro homem.

Como diz Vaitsman (1994), apesar da insatisfação emocional no casamento ser uma forte razão para se desejar, planejar e até colocar em prática o projeto da separação, a idéia e o sentimento de desfazer uma relação, mesmo aquela que já não se sustenta mais, trazem insegurança psicológica, principalmente quando

nessa relação têm filhos envolvidos. Por outro lado, não se podem desprezar as vantagens decorrentes da cooperação econômica que o casamento implica, mesmo que a satisfação emocional seja a única causa para a sua manutenção.

No caso das mulheres que não exerciam atividades remuneradas ou que não dispunham de renda suficiente para o sustento da família, a insegurança de ter que assumir a responsabilidade pela família, embora não tenha impedido o rompimento da relação, adiou-a por várias vezes.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a dependência emocional que muitas mulheres sentem em relação aos maridos. Independentemente do nível de escolaridade, camada social ou renda, muitas delas ainda estão totalmente atreladas aos seus companheiros, e isto, em grande medida, constituiu-se num dos mais fortes entraves para a separação. Muitas mulheres temem enfrentar a vida sozinhas, mesmo quando elas têm uma boa profissão, salário e segurança no emprego.

São várias as situações de subordinação vivenciadas por mulheres em todo o mundo. A maioria das mulheres demora muito a tomar a decisão de romper os laços com o companheiro, mesmo quando a relação está ameaçada. Outras, quando os conflitos ultrapassam os limites das discussões e xingamentos e chegam à violência, se vêem forçadas a tomar a drástica decisão da separação.

“A violência masculina contra a mulher manifesta-se em todas as sociedades falocêntricas” (Saffioti e Almeida 1995, p.4). De acordo com estas autoras, a violência de gênero pode ser considerada um fenômeno onipresente, ocorrendo em todas as classes sociais e em todas as culturas, independentemente do nível de desenvolvimento econômico.

Resguardados por uma sociedade que preserva valores machistas, os homens praticam, entre as quatro paredes de uma casa, as mais terríveis cenas de libidinagem, estupro e humilhação sexual contra mulheres e crianças que ocupam uma posição subalterna na hierarquia social de gênero.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

De acordo com Vicent (1992), a história da vida privada é a história do medo e este é fundamental na preservação do segredo. Entretanto, para se enfrentar o fenômeno da violência, é necessário vencer o medo e romper os limites das quatro paredes, pois tratar da violência doméstica significa questionar estereótipos, abrir as portas do lar e desnudar segredos.

No processo de socialização feminina, costuma-se ensinar que os desconhecidos são pessoas suspeitas, as quais precisam ser mantidas distantes. Entretanto, dados do mundo inteiro têm mostrado que os principais agressores de mulheres são membros da própria família ou pessoas que pertencem ao seu grupo de convívio, desfrutando de uma certa confiança e proximidade das mesmas.

A violência praticada contra a mulher é um problema mundial relacionado ao poder, aos privilégios e ao controle exercido pelo homem e fomentado pela ignorância, pela falta de leis e pelos frágeis esforços dos governos para garantir o respeito às leis vigentes. Segundo o Comitê

Preparatório da Conferência de Pequim (1995), nos Estados Unidos, em cada dezoito minutos, uma mulher é agredida; por ano, são agredidas entre três a quatro milhões de mulheres. Na Índia, cinco mulheres são queimadas por dia, em conseqüência de disputas relacionadas com o dote. Na Papua Nova Guiné, 67% das mulheres são vítimas de violência doméstica.

Os dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/1988) – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1990, indicam que quase dois terços 65,8% das vítimas de violência física cometidas por parentes são mulheres e os 34,2% restantes são homens. Quando são examinados os dados sobre a agressão de conhecidos não-parentes, as cifras se invertem: 66,6% das vítimas são homens e 33,4% são mulheres. Em relação ao caso de agressões cometidas por desconhecidos, as cifras apresentadas são praticamente as mesmas, 65,3% são homens e 34,7% são mulheres (Saffioti,1997, p.48).



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Todas as relações humanas apresentam um certo grau de tensão, nem sempre negativo. As relações de violência são extremamente tensas e quase invariavelmente caminham para o pólo negativo: a violência tende a descrever uma escalada, começando com agressões verbais, passando para as físicas e/ou sexuais e podendo atingir a ameaça de morte e até mesmo o homicídio (Saffioti e Almeida, 1995, p. 35).

Das mulheres que ouvimos, a maior parte sofreu algum tipo de violência por parte dos seus ex-companheiros. A seguir, apresentaremos alguns depoimentos, nos quais as mulheres apontam circunstâncias em que viveram situações de violência:

(...) “Você é uma vagabunda, você não tem que dar opinião mais em nada, por que aqui não tem um tostão seu”. (...) Quando minha filha nasceu, eu não tive o menor apoio dele, como eu demorei pra engravidar ele falou que eu não prestava nem pra ter filho, que eu era vagabunda, que eu vivia às custas dele por causa dos filhos. (Marta, 49 anos, empresária)

(...) No início era muito bom, até um ano de casada foi muito bom. (...) As brigas começaram por causa de bebida. Nós chegamos a separar por duas vezes, ele não queria separar, mas ele arranjou uma mulher e trouxe para dentro de minha casa. Eu não aceitei, não era possível que com quase dez anos juntos, ele arranjasse outra mulher na rua e ainda levasse para dentro de minha casa (...) (Norma, 41 anos, empregada doméstica)

(...) Eu não tenho relacionamento nenhum com ele, eu lavo e passo a roupa dele, mas é como se fosse para uma pessoa estranha. Ele faz de conta que eu não existo, e quando conversa comigo é me agredindo. Ele só faz me xingar, ele acha que eu tenho até homem pela rua, me humilha, me desrespeita (...). (Valnice, 49 anos, vendedora ambulante)

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Nos relatos acima, encontramos várias situações de violência que as mulheres viveram na relação com os seus parceiros. É na casa, onde normalmente acontece a maior parte dos casos de agressões e violência entre os membros do casal.

Nos relatos de quase todas as mulheres, os maridos eram bons e amorosos quando se casaram. Com o passar do tempo, viraram a cabeça e passaram a evidenciar seu lado violento. Em outros, elas, ao contrário, contaram que logo no início do casamento, os maridos mostraram o seu lado agressivo, ciumento ou violento, que elas desconheciam no tempo de namoro.

Meu relacionamento era ruim o tempo todo, ele bebia muito, chegava tarde em casa e judiava de mim, toda vida foi ruim. A gente brigava sempre, ele não me batia porque eu corria. Ele sempre brigava porque já vinha bêbado.(...) Mas eu nunca fui de dá denúncia dele pra ninguém não, Deus me livre! eu sou contra isso. Eu sinto vergonha de brigar aqui agora e a rua inteira saber, ir pra delegacia, pra rádio e o locutor comentar: “a mulher apanha e de noite ta dormindo junto”. Eu tinha vergonha, e tenho até hoje. (Joana, 57 anos, gari)

Joana, separada, gari e mãe de oito filhos, foi uma criança que não conheceu os pais. Criada pelos avós, aos 15 anos de idade, ela já vivia uma união consensual, que durou dezoito anos. Sua vida durante todos esses anos foi marcada pela falta de respeito, pelo alcoolismo e pela agressividade do marido. Até que o marido decidiu abandoná-la.

Denunciar o companheiro é uma das situações mais difíceis para as mulheres vítimas da violência conjugal. Além do medo e da vergonha revelados por Joana, há o fato de que o homem pode ser mais violento quando acusado e expressar um comportamento absolutamente normal no âmbito das relações sociais (Saffioti, 1994).

Existem mulheres que nunca tiveram seus corpos marcados pela violência física. Todavia, seus direitos humanos foram muitas vezes violados. Nem todos os homens utilizam a violência física para castigar as mulheres, valendo-se de outros meios, como destruir maquiagem, cortar roupas, queimar livros e até prendê-las em casa, como forma de amedrontá-las e mantê-las sob seu controle.

Indiscutivelmente, estes atos agridem a identidade das mulheres, bem como provocam a instabilidade orgânica e mental das mesmas. A presença da violência na relação conjugal significa que foram rompidos os laços sociais entre o casal e que as desigualdades entre eles alcançaram proporções intransponíveis. Como revelou Marta:

(...) O meu casamento, que durou dezoito anos, foi um desastre sempre. Ele era agressivo, muitas vezes ele chegava em casa e me achava maquiada, ele então, (...) pegava os batons e todas as outras coisas, quebrava tudo, e ainda trazia pra eu ver, rasgava minhas roupas, cortava de tesoura, por que eram curtas. Quando eu casei, eu não pude usar as calças compridas que tinha, por que ele não permitia. (Marta, 49 anos, empresária)

A entrevistada acima, pertencente à camada de maior poder aquisitivo, é uma prova de que a violência, de qualquer nível, não é privilégio apenas das mulheres de baixa renda e que nunca freqüentaram a escola, mas está presente na vida de mulheres de todas as camadas sociais e de todos os níveis educacionais. Quando o homem é o chefe da família, aquele que provê as necessidades básicas para sustentá-la, é ele que exerce poder sobre a mulher e os filhos, de forma quase absoluta.

A convivência diária com tantas formas de violência abre uma enorme ferida na relação de um casal. Não é pequeno o número de mulheres que, cansadas de sofrer espancamentos por parte do marido ou companheiro, resolvem se

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

separar dele, embora seja difícil apontar apenas uma causa para o rompimento de uma relação conjugal.

O processo de separação, em si mesmo, é muito desgastante e doloroso para ambos os parceiros. Ele provoca graves seqüelas nas mulheres de todas as camadas sociais. Como pode ser constatado, no caso de Luíza, 38 anos, médica e bem situada financeiramente:

(...) Logo depois que me separei, conheci meu segundo marido (...). Eu engravidei cinco vezes dele e perdi os filhos.(...) Na última vez que engravidei, no quarto mês de gravidez, ele entrou aqui e disse que tinha me trazido um presente, ele estava sem falar comigo porque eu estava grávida, (...). O presente que ele havia me trazido era uma caixa de Citotec, - remédio utilizado como abortivo. Eu dei um ataque histérico aqui neste quarto. Ele continuou dizendo que não queria, levou uma semana ameaçando de me deixar se eu não abortasse, até o dia que eu deixei que ele colocasse o remédio. Perdi o filho aqui dentro de casa (...). (Luíza, 38 anos, médica)

A entrevistada viveu várias situações de violência também em sua primeira relação conjugal. Ao falar da experiência vivida no segundo casamento, ela revela traços da violência sofrida pelo companheiro, um colega, também médico. Um tipo de violência que contou com a participação dela:

(...) Eu fui pressionada, problema meu que aceitei a pressão. O erro é meu, a responsabilidade é minha, e eu vou lhe dizer uma coisa, hoje, com 38 anos, não que Deus vá me perdoar, mas eu queria ter um filho, pra justificar de alguma maneira a permissão de vir alguém que um dia quis vir e eu não deixei.(Luíza, 38 anos, médica)

Neste caso, a situação vivida pela entrevistada demonstra que além da violência ela sofria de uma grande dependência emocional em relação ao marido.

Quando se separou dele, Luíza passou três meses sem conseguir trabalhar direito, primeiro em função do aborto provocado, que não lhe saía da cabeça e, segundo, porque ficou sabendo que o ex-marido estava envolvido com outra mulher, que esperava um filho dele. Essas e outras situações de violência destroem a autoestima de muitas mulheres e deixam marcas profundas que elas sofrem para apagá-las.

Ele me ligava toda hora, vinha aqui em casa, dormia comigo, eu ia dormir com ele, a gente namorava, daqui a pouco ele sumia um mês, sabe. Quando fez um ano, ele um dia me humilhou muito, e eu até essa altura ainda estava usando alianças, (...) me comportando como se fosse esposa dele. Ele com mil e quinhentas mulheres, já tinha nascido a filha dele, e eu me comportando assim, aí um dia eu disse: " não lhe quero mais" (Luíza, 38 anos, médica)

Embora recusasse a situação em que vivia, em relação ao companheiro, Luíza não conseguia se desvencilhar das amarras que a prendiam ao mesmo. Foi preciso bastante humilhação e muita terapia para que ela se fortalecesse e desse um basta àquela relação que não estava lhe fazendo bem, mas que ela teimava em manter viva.

A sociedade, ao legitimar o poder exercido pelo homem sobre a mulher, corrobora com a impunidade frente à violência praticada, projeta e estimula ação semelhante entre as próprias mulheres:

Quando meu filho tinha oito meses, um dia ele [o marido] se arrumou todo e disse que ia arranjar uma namorada. Bem mais tarde, (...) eu fui até o bar que ele costumava ficar, ele já havia saído. Passei por uma rua próxima e o encontrei com uma mulher, muito ousada. Aí eu fiquei com raiva e fui em cima dela, ele me tirou e depois disse que eu estava me igualando a ela. Quando chegamos em casa ele me bateu, bateu, deu um murro na minha cabeça que eu tive a impressão de ficar louca (...). (Valnice, 49anos, vendedora ambulante)

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Diante dessa situação de violência, Valnice, movida pelo desespero e pelo ódio da traição, de vítima, metamorfoseia-se em algoz, recaindo sobre ela nova onda de violência, pois o marido neste caso, ainda se sentiu atingido e desrespeitado em sua autoridade de macho. Logo após esse fato, o marido pegou suas coisas e, ao lado de um dos filhos do casal, saiu de casa e foi embora da cidade, deixando-a e aos outros sete filhos.

Norma, que cursou apenas as primeiras séries do ensino fundamental, nos revela a verdadeira face da violência à que estão sujeitas as mulheres. O relato que faz de sua vida não é apenas uma situação vivenciada por ela, mas por milhares de mulheres do Brasil e do mundo que enfrentam agressões semelhantes.

(...) Aí começaram as brigas, ele bebia, discutíamos, e passou a me bater, me batia muito. Batia mesmo, de dar murro, e meus olhos ficarem inchados. O motivo era sempre o mesmo, ele chegava em casa embriagado e começava a falar, a se desfazer de mim, dizia que as mulheres da rua que ele arrumava era melhor do que eu, que eu não estava ligando mais pra ele, essas coisas assim.(...) Ele tentou me matar várias vezes, eu tenho cicatriz no corpo.(...). (Norma, 39 anos, empregada doméstica)

Para Saffioti (1997), o caráter sagrado de que se revestiu a família e o incontestável poder do homem sobre a mulher e os filhos impedem as pessoas de denunciarem a violência intrafamiliar e a violência doméstica que se pratica em todas as sociedades. É a própria mulher, como no exemplo acima, que costuma justificar a agressão praticada pelo marido, alegando a bebida alcoólica ou o estresse provocado por tensões ocasionais, a exemplo do desemprego. O álcool é utilizado quase sempre como pretexto e não como causa de espancamentos e assassinatos cometidos contra mulheres e crianças, pois a embriaguês pode escamotear o ato de violência, visto que é muito grande a quantidade de homens que, mesmo sóbrios, cometem violência contra as mulheres.

A entrevistada, reconhecendo que sua vida estava em jogo, que poderia ser morta pelo marido, buscou a única forma de resistência, o abandono do lar e do marido.

No início, quando ele me batia, eu não tinha medo, mas depois que ele tentou me matar, passei a sentir muito medo, depois que ele partiu para a violência de faca, fiquei apavorada. (...) Mas, um dia, ele me bateu muito, tanto que eu pensei que fosse me matar. Aí o vizinho falou pra eu vir embora, que ele ia acabar me matando, foi ele que me arranhou o dinheiro da passagem (...). (Norma, 41anos, empregada doméstica)

Mais um caso típico da violência perpetrada contra a mulher no ambiente domiciliar foi relatado por Marta que durante o tempo em que esteve casada, sofreu violência do marido, um homem bem sucedido economicamente, mas que no relacionamento com ela deixava escapar toda a agressividade acumulada em seu caráter machista. Seu marido não admitia, por exemplo, chegar em casa às sete da noite e não encontrá-la, bem como nunca permitiu que ela voltasse a estudar. Para ela, esse comportamento não era por ciúme, pois não tinha atitudes que pudessem despertar nele qualquer tipo de ciúmes e só saía se fosse com ele, mas via no comportamento do seu companheiro algo diferente, doentio.

(...) Um dia eu estava amamentando minha filha na cama e pedi para ele afastar a perna que estava empatando, ele virou e disse: “eu não sei onde estou, que não lhe meto o tapa na cara”, eu falei: “você é maluco! é!”, ele levantou e me bateu na cara, tinha oito dias que minha filha tinha nascido (...). (Marta, 49, empresária)

(...) Ele era muito agressivo, me agredia fisicamente, batia, tirava sangue, me trancava no quarto, me humilhava, batia na cara, era capaz de matar a filha para me punir (Marta)

Os conflitos mantiveram-se durante os dezoito anos em que viveu casada, e não aconteciam esporadicamente, eles aconteciam todas as semanas. Quando a relação se tornou insustentável, eles resolveram se separar.

(...) Uma vez, eu me lembro que cheguei em casa, tínhamos uns três anos de casados, eu tinha vindo da casa da irmã dele, como ele me encontrou maquiada, toda arrumadinha, o cabelo muito grande, ele achou ruim. Aí, ele me falou qualquer coisa, que fez eu ri, ele não gostou, saiu, carregou a arma, puxou o gatilho, colocou dentro do meu ouvido e falou: “ria de novo, que eu lhe mato, pra você ver que não se deve rir de homem”, esse era o comportamento dele (...). (Marta, 49anos, empresária)

Quando a mulher se rebela, pode sofrer todo tipo de violência, chegando, muitas vezes, a casos de morte, pois o homem não aceita os seus direitos. Essa violência praticada pelos homens contra as mulheres ultrapassa o espaço privado e, muitas vezes, chega até os locais de trabalho, criando situações de constrangimento, de ameaça e amedrontamento contra as mulheres.

(...) Se ele chegasse em casa e eu não estivesse, ele me procurava e já vinha pela rua me batendo, onde quer que eu estivesse, Ele não tinha esse negócio de esperar chegar em casa para conversar, não. (Norma, 39anos, empregada doméstica)

Segundo Barros (1997), as mulheres pertencentes às camadas de baixo poder aquisitivo só percebem que são dominadas quando são agredidas fisicamente. Na maioria das vezes, estas mulheres, mesmo reconhecendo que são tratadas como inferiores pelos seus parceiros, insistem na manutenção dessa

relação. É o caso de Norma, 39 anos, que viveu em situação de violência, na época de casada. Após a separação, diante das dificuldades financeiras, chegou a sentir saudades, em alguns momentos, da vida de casada, quando não precisava trabalhar.

(...) Com todo sofrimento às vezes eu sentia vontade de voltar. Tinha dias que eu me sentia tão cansada de trabalhar, às vezes chegava em casa e o filho estava doente, estava faltando alguma coisa, era muito difícil. Tinha momentos em que eu me arrependia de ter vindo, e em outros, eu me sentia feliz, pois estava tranqüila, deitava na minha cama, dormia tranqüila. Hoje, eu me sinto uma pessoa realizada, venci na vida, hoje tenho a minha casa, tenho a minha vida, que eu resolvo tudo. Não me preocupo mais. (Norma, 41anos, empregada doméstica)

A consciência desses fatos, somada à dependência afetiva, são motivos suficientes para fazer com que a mulher suporte a situação de violência vivida no seio da família. Como conseqüência, elas adiam a idéia de denunciar seus parceiros pela agressão física, cometida contra elas até o dia que reconhecem que não é mais possível suportar a situação e decidem, a muito custo, romper definitivamente com o parceiro.

Mesmo nos casos de extrema violência ou abandono, situação verificada tanto nas camadas médias e altas, quanto nas camadas de menor poder econômico, grande parte das mulheres encontra grandes dificuldades em aceitar o rompimento conjugal, preferindo manter o casamento com a esperança de que um dia tudo volte a ser como antes: “No inicio era muito bom.

ele me tratava bem, era muito amoroso comigo” (Norma, 39 anos, empregada doméstica)

Embora muitas mulheres digam que a separação lhes trouxe alívio e sossego e que, a partir daquele momento, puderam tomar suas próprias decisões e cuidar dos seus filhos em paz, percebe-se nelas um medo latente de abandono, um

medo de enfrentar uma nova situação em um mundo marcado pela discriminação e pelo preconceito machista em relação ao trabalho feminino e em relação à mulher separada, ainda muito forte na sociedade.

Em relação às situações apresentadas, após análise, podemos dizer que o fenômeno da violência não está restrito apenas aos casais situados na camada de menor poder aquisitivo ou de menor nível de escolaridade ou as duas situações juntas. Esta idéia é bastante difundida na sociedade, por puro preconceito. Mas, o que fica cada vez mais patente é que a violência acontece em todos os segmentos da sociedade, das mais variadas formas e que a violência representa um dos motivos mais fortes para o rompimento dos laços conjugais.

CONCLUSÕES

Como vimos, muitas mulheres viveram diferentes formas de violência, praticadas pelos seus parceiros, com graus variados de severidade e de frequência. As circunstâncias em que as mulheres se sujeitaram a tais práticas eram tantas, que explicam porque algumas delas se submetiam e porque, mesmo assim, seus casamentos eram mantidos. Para Carvalho (1998), a permanência do companheiro não está relacionada apenas com os recursos que ele fornece para a manutenção da casa, mas, sobretudo com sua imposição em continuar residindo no domicílio e, principalmente, com a questão da moralidade e da segurança que a presença masculina confere à família.

Pelos depoimentos ouvidos, é visível que a violência é um fenômeno que atinge todas as camadas sociais e ocorre em escala. Ela começa com uma simples discussão e, aos poucos, pode se transformar em agressão física e até ameaças de morte. A agressão física constitui uma das expressões mais traumáticas da violência contra a mulher. Se esta não encontra um meio de pôr termo aos atos de violência praticados contra si, torna-se normal, dada a frequência em que acontece.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Apesar da dificuldade das mulheres em apontar um motivo específico para a ruptura dos laços conjugais, pois vários fatores atuavam simultaneamente, a violência praticada pelos parceiros, significou, na palavra de muitas delas, a “gota-d’-água” (Carvalho, 1998) para que ocorresse a separação.

Assim, baseado nos dados obtidos, bem como nos estudos realizados por diversos autores, é extremamente difícil fazer o julgamento da dor e sofrimento causados pelas separações conjugais, em casais de camadas altas e baixas, bem como avaliar as dificuldades que o rompimento dos laços criados neste tipo de relação podem ocasionar, tanto para os indivíduos como para a família. É comum constatar nas falas das mulheres o sentimento de frustração, medo, insegurança que enfrentam no momento da separação, momento esse que, para a maioria delas, foi o limite.

Ricas ou pobres, a maioria das mulheres parece sofrer grandes traumas, dificuldades e medos durante todo o processo de separação. Nessa fase, parece que tudo à sua volta foi destruído, e elas, sem a direção masculina, não seriam capazes de levar adiante suas vidas, sentindo-se impotentes, até que sua auto-estima fosse novamente recuperada.

REFERÊNCIAS

BARROS, Zelinda. Em briga de marido e mulher, a D. P. M. mete a colher: aspectos do cotidiano da Delegacia de Proteção à Mulher de Salvador. **Bahia: análise e dados**. Salvador: Superintendência de estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v.1, 1987.

CARVALHO, Luiza M. S. Santos. A mulher Trabalhadora na Dinâmica da Manutenção e da Chefia Domiciliar, in: **Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, vol. 6 nº 1, 1998.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

- COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Graal. 1989.
- DIAS, Otávio. Violência doméstica empobrece mulher. **Folha de São Paulo**, 8/2/9 Caderno 1, p14.
- DIRANI, Z **O despertar da mulher e o despertar do homem**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo. 1987.
- GOOD, William J. **Revolução mundial e padrões de família**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Ed. Nacional e Ed. Da USP, 1969.
- MASSI, Marina. **Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.
- PORCHAT, Ieda (org) **Amor, Casamento, Separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense. 1992.
- SAFFIOTI, Heleieth H. I. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro in: KUPSTAS, M. (org) **Violência em debate**. São Paulo: Moderna. 1997.
- _____ e ALMEIDA, Suely S. de **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter. 1995.
- SIMMEL, Georg.. **On Individuality and Social Forms**. Londres: The University of the Chicago, Press. 1971.
- TAUBE, M. J. de Mattos. Alianças Partidas ou a dor da Separação Conjugal nas Camadas Populares. In: PORCHAT, Ieda (org) **Amor, Casamento, Separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VICENT, Gèrard. Uma história do Segredo? In: ARIÈS, P. e DUBY, G. **História da Vida Privada 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.